

## **Política é coisa de homem? Os bastidores da política e a participação das mulheres na Campanha Civilista (1909-1910)**

*Is politics a man thing? The backstage of politics and the participating of women in the Civilist Campaign (1909-1910)*

**Rogério Rosa Rodrigues**  
UDESC  
roger\_es@yahoo.com

Resumo: O texto se propõe a analisar a participação das mulheres de elite na campanha presidencial de 1909-1910 registrado nos anais historiográficos com o título de Campanha Civilista. O mote para empreender tal análise é o romance *Numa e a Ninfa* do escritor Lima Barreto, aqui tomado como figuração das práticas políticas vigentes no Brasil. Além do romance será apresentada uma breve incursão nas imagens fotográficas e notícias de jornais da época em que as mulheres aparecem ao lado dos políticos do período. Esta pesquisa conta com financiamento do CNPq.

Palavras-chave: Mulheres; Campanha Civilista; Lima Barreto; política.

*Abstract: The purpose of the text is to examine the participating of the high class women in the presidential campaign of 1909-1910, recorded in history annals as the Civilist Campaign. The start point of the study is the romance "Numa e a Ninfa", from the writer Lima Barreto, taken here as the background for the politic practices that took place in Brasil at that time. Besides the romance it will be presented a brief incursion in the photographic images and newspapers news from the period, in which women appear side by side with politicians from that era. The present research has the support of CNPq.*

*Keywords: Women; Civilist Campaign; Lima Barreto; politics.*

A Campanha Civilista é considerada pela historiografia brasileira marco fundamental da nossa história política. A disputa presidencial travada pelo militar Hermes Rodrigues da Fonseca e pelo senador baiano Rui Barbosa tomou as ruas com comícios, panfletos e marchinhas carnavalescas na tentativa de convencer a população brasileira a votar. Número significativo de documentos foi gerado nessa campanha, no entanto, raros são os trabalhos que se debruçaram especificamente sobre as fontes humorísticas e literárias, bem como sobre o papel que o Exército ocupou nessa disputa política. Tal ausência de pesquisa se verifica também na produção em História da Bahia, principalmente no que diz respeito à repercussão dessa campanha no sul do Estado, haja vista a força econômica e política da região no início do século XX, em função da produção cacaueteira. Cabe ressaltar que a emancipação política

da antiga vila de Itabuna ocorrida em 1910, originalmente ligada a Ilhéus é tributária das decorrências da disputa presidencial entre Hermes da Fonseca e Rui Barbosa. Foi graças às articulações dos políticos locais à política hermista que a cidade conquistou a almejada autonomia política até então atrelada a Ilhéus.

A Campanha Civilista mobilizou de tal forma a sociedade brasileira que, em 1911, Afonso Henriques de Lima Barreto publicou o conto *Numa e a Ninfa* nas páginas do jornal carioca *Gazeta da Tarde*. O enredo foi inspirado na campanha presidencial de 1909-1910. Em 1915, o que era um conto se transformou num romance encomendado ao escritor por Irineu Marinho, proprietário do jornal *A Noite* (RJ).<sup>1</sup> Lima Barreto narra a história do personagem Numa Pompílio de Castro, deputado estadual e marido da filha de um Senador chefe da oligarquia Cogominho. A trama se desenvolve entre os debates parlamentares e a convivência familiar com a esposa ambiciosa. Com a ajuda de Edgarda, tal era o nome da filha do senador, Numa consegue destacar-se na Assembleia ao pronunciar-se com discursos em torno de projetos polêmicos para o desenvolvimento da Nação. Entre as questões delicadas debatidas na Assembleia constava a relativa às eleições presidenciais. A indicação de um oficial do Exército, até então alheio às lides políticas, dividiu o grupo que estava no poder e trouxe para o primeiro plano políticos radicais e ufanistas que viam no candidato militar a possibilidade de colocar no poder um presidente com “mãos de ferro”.

A inusitada candidatura também mobilizou outros grupos e personagens da sociedade, tais como jagunços, comerciantes, professoras, esposas de militares e de políticos decadentes. Com muito cinismo e com boa dose de ironia, Em *Numa e a Ninfa* Lima Barreto apresenta os bastidores da política brasileira às vésperas de um dos momentos primordiais do exercício político: a eleição. Na estética opta por construir um romance com chave de leitura.<sup>2</sup> Por meio desse recurso Barreto consegue incluir os tipos e personagens da nossa história de forma caricaturada numa trama que envolve traição, conchavos e ambição, ou seja, elementos inerentes ao jogo político, independentemente da época.

---

<sup>1</sup> A encomenda do romance pelo proprietário de um jornal de grande repercussão à época deve-se ao fato de Irineu Marinho, proprietário do periódico *A Noite*, ter apoiado o candidato Rui Barbosa durante a Campanha Civilista. O interesse em publicar uma obra criticando o presidente no momento em que ele já havia deixado o poder (Hermes da Fonseca governou até novembro de 1914) é indicativo da forte resistência de alguns setores da sociedade ao governo do militar. Apesar da nossa hipótese, gostaríamos de ressaltar que tal pergunta será melhor respondida após o desenvolvimento da pesquisa.

<sup>2</sup> Barreto escolheu fazer um *roman à clef*, o que significa mascarar cada personagem histórico com características e episódios que tornasse fácil reconhecê-los, mas com nomes diferentes. O pesquisador e biógrafo de Lima Barreto, Francisco de Assis Barbosa (2002), apresenta a chave de identificação dos personagens históricos caricaturados no romance.

De acordo com Francisco de Assis Barbosa “Em *Numa e a Ninfa* [...] o romancista pintou uma galeria tragicômica de figurões, civis e militares, todos sequiosos de poder e dinheiro” (2002, p. 92). A escolha de Barreto em construir um romance, tendo como referência a mais importante campanha presidencial republicana vivenciada no país, após a derrubada da monarquia, oferece sinais do seu engajamento intelectual tanto quanto do seu interesse sobre os rumos da política nacional.

Por meio da literatura, mas também das crônicas jornalísticas e das correspondências com intelectuais da época, Barreto revela-se e descortina as tramas de poder da jovem República brasileira. Pela escrita, o jovem tímido alijado dos centros que conferia visibilidade às opiniões públicas, tais como a Academia de Letras e a tribuna política, dá vazão às suas ideias sem recorrer aos meandros da hipocrisia e da cordialidade. O escritor fez da literatura um palco, mesmo sabendo da pequena plateia a ouvi-lo. Sua inspiração, como se verifica em toda a sua produção literária está intimamente ligada à experiência como mulato, pobre, sem apadrinhamento político. Em parte, por causa disso, Lima Barreto não participa da crença da “arte pela arte”. Seus escritos são comprometidos com a época e com a condição daqueles que, como ele, não foram contemplados com o projeto prometido pela virada republicana no país, qual seja, a de progresso social e político para a maioria.

No romance *Numa e a Ninfa* Barreto não apenas manifesta seu posicionamento político, como o faz por meio de elaborada construção estética, ou seja, o livro é ao mesmo tempo um libelo político e artístico. Embora a obra literária não tenha comprometimento com o registro dos fatos, visto não possuir compromisso com a História como disciplina, ela nos permite acessar o ponto de vista do escritor, bem como as estratégias que mobilizou para dar vazão aos seus posicionamentos político-ideológicos. Nesse sentido, podemos afirmar que toda elaboração estética é também uma construção política. Para o caso da obra de Lima Barreto tal assertiva se faz mais evidente, uma vez que ele fez questão de registrar em suas crônicas, memórias e epistolografia seu posicionamento diante dos acontecimentos políticos vivenciados no país. Como o romance foi encomendado pelo proprietário de um dos jornais de grande circulação na Capital Federal *Numa e a Ninfa* nos coloca também diante do posicionamento deste órgão da imprensa sobre a disputa política da época.

Analisar a Campanha Civilista tendo como referência a representação e o posicionamento de um personagem que viveu essa história, como Lima Barreto a presenciou, constitui-se um privilégio, poucas vezes permitido ao historiador, principalmente, quando tal

personagem é um escritor militante, proveniente das classes populares, mulato e fora dos grandes círculos literários da época. O fato de estar na “periferia” dos círculos de poder lhe permitiu não somente maior liberdade para registrar sua opinião sobre o assunto, como também o distanciamento necessário para entender a lógica de funcionamento do poder político do período. O registro de Lima Barreto, seja por meio do romance, seja por meio da correspondência e das memórias, oferece ao historiador uma fonte de pesquisa não oficial, logo, não viciada pelos parâmetros geralmente verificados em jornais oficiais ou em relatórios de governo, todos eles comprometidos com a lógica de poder vigente.

### A política obscena

Como afirmado acima o romance tem como pano de fundo as articulações da candidatura política de um general à presidência da República, ou seja, o fundo histórico são as urdiduras da Campanha Civilista. A protagonista da narrativa é a filha de um velho político que se casa com o bacharel Numa Pompílio e vai morar na corte. Por influência do sogro, Numa é feito deputado. Em função de suas conveniências e do seu caráter não se expõe nos debates políticos. Seu apoio incondicional era contado como previsível, votaria sempre de acordo com as vontades do grupo ao qual o sogro pertencia. Tal posição não o destacava entre os seus, portanto, não merecia sequer uma breve nota na imprensa. Edgarda embora uma mulher de posses desejava projeção na sociedade e a forma que tinha para obtê-la seria por meio do marido. Eis como Lima Barreto a retrata:

A mulher em que o casamento já começava a pesar, aborrecia-se com esta obscuridade. Não o amara, não o supunha inteligente, mas havia não sei que de organizado nele, de médio, de segurança de processo, que esperou sempre que a política o fizesse pelo menos conhecido; mas, assim não o queria e o seu enlace era um desastre sem desculpa aos seus olhos. Esperava-o na Câmara barulhento, discutindo e ele vivia calado; esperava-o atacado pelos jornais da oposição e eles não diziam nada; esperava-o conhecido de todos e ninguém o conhecia”, até mesmo as suas amigas. (BARRETO, 1950 p. 21-22)

Com essa ambição Edgarda põe-se a tramar uma estratégia de fazer o marido aparecer nas colunas sociais, o que por sua vez a tornaria conhecida como “a esposa” do deputado

Numa. Tal iniciativa justifica o título do romance. Edgarda, tal como a ninfa da lenda romana, soprava ao ouvido do marido os discursos que proferiria na tribuna política, ou melhor, cuidava de redigir os pronunciamentos que o marido faria como deputado. Para não ferir seus brios convence-o que o texto que preparava era apenas uma organização das ideias que ele apresentava, logo, que o verdadeiro autor do texto era o marido. Ao fim, Numa tomava para si a autoria dos discursos e achava natural que a esposa os “organizasse” em uma narrativa coerente.

Edgarda não é a única mulher com iniciativa no romance. Eu arriscaria dizer que os homens são meros coadjuvantes nesse texto. A casa de Edgarda e o convívio com as mulheres da elite política da época se transformam em espaço fervilhante de fofocas, trivialidade e muito interesse pelas promoções de carreira e disputas eleitorais.

Lima Barreto constrói um cenário em que a política é tramada no espaço privado, como coisa privada, ou seja, como um jogo que cabe a uns poucos e que “naturalmente” se mistura a afetividade, conveniências e interesses pessoais. Observem como no diálogo abaixo o escritor nos apresenta um diálogo em que as personagens associam a queixa sobre a falta de criadas com a política da época. Trata-se do diálogo entre as esposas de dois oficiais do Exército:

Foram para a sala e jantar. Sentando-se à mesa Mme. Forfaible descansou a bolsa, tirou as luvas, juntou tudo - lenço, luvas e carteira - e pôs do lado esquerdo. A dona da casa começou a colocar as xícaras; ia e vinha do guarda-louça, para a mesa, conversando.

— Estou sem criada, Anita. Um inferno!

— As minhas também não param.

— Não há leis...

— Esses paisanos, esses deputados não servem para nada.

— Não há quem cuide disso. Ganham um dinheirão...

— Se fossem militares... (BARRETO, 1950, p. 50)

Em outro fragmento Lima Barreto nos apresenta a mesma astúcia com que as mulheres entremeiam conversas banais com diálogos recheados de interesses e tramoias políticas. Trata-se de um recorte do diálogo de Madame Forfaible com Edgarda e Numa. O contexto da discussão é um projeto a ser votado na câmara para impedir a acumulação de aposentadorias.

- Doutor, bom dia! Já sabe da última novidade? O Comensoro casa-se com a

copeira da pensão. Esse Comensoro, Edgarda, é muito engraçado. Você sabe como foi o casamento dele? Vou contar. Ele pinta os bigodes. Outro dia, não tendo tempo de pintá-los completamente, saiu com a metade do bigode branco. Doutor, outra coisa: preciso do seu voto para serem rejeitadas as tais desacumulações. Manoel não pode viver sem os vencimentos de professor... (BARRETO, 1950, p. 145)

Nesse diálogo, como em geral em todo o romance, Lima Barreto nos coloca diante do que Sergio Buarque de Holanda apontará como uma das peculiaridades da constituição histórica da sociedade brasileira, e conseqüentemente um dos maiores entraves para o desenvolvimento da nação: a cordialidade. Merece destaque a sensibilidade de Barreto para indicar como entre as mulheres a política aparece em meio a situações e conversas triviais.

Ao fim, são as mulheres que cavam as promoções para os maridos, são elas que tramam entre chás, saraus, visitas afetuosas e passeios para compras na rua do Ouvidor, o futuro político dos seus, e por conseguinte, do país. Nessa construção crítica de Lima Barreto as mulheres em foco não são as sufragistas que já se destacavam no cenário político da época, mas mulheres que desejavam projetar-se como a esposa do grande homem da política. Eis como tal discussão nos permite passar do enredo do romance para o dos fatos da época, pois durante a Campanha Civilista as esposas dos políticos passam a figurar, ao que parece pela primeira vez no Brasil, ao lado dos candidatos em sua peregrinação eleitoral.

Em suas viagens para defender a plataforma política Rui Barbosa aparecerá sempre ao lado de sua esposa, Maria Augusta. É o que nos revela o acervo fotográfico da Campanha Civilista sob a guarda da Fundação Casa de Rui Barbosa. Tal como Rui, os políticos da época que vinham ao seu encontro tinham a mesma prática: o acompanhamento de mulheres da família.

Vale registrar o contexto de produção das fotografias da época. Não se trata de registro de reunião familiar, mas de imagens oficiais da campanha eleitoral de 1909-1910. Como tal, há de se esperar a presença, senão exclusivamente, ao menos em primeiro plano daqueles que seriam os atores principais da política. Ressalte-se também que a tecnologia fotográfica do período não permitia uma foto instantânea, as poses eram preparadas, os personagens escolhidos e agrupados para a figuração. A presença das mulheres nas imagens da Campanha Civilista não foi obra do acaso. As imagens fotográficas revelam uma decisão que seria incorporada na plataforma eleitoral do candidato. Tal programa não previa o voto feminino, mas deixava escapar o quão importante era apresentar-se acompanhado das mulheres naquele



momento. No caso das fotografias de Rui Barbosa com sua esposa, Maria Augusta, é preciso registrar ainda que não eram jovens e que as viagens duraram meses pelo interior de São Paulo e da Bahia. Um *tour* exaustivo que implicava deslocamentos complicados, ora fluvial, ora terrestre, sem contar as marchas a pé.

Além de figurar nas imagens fotográficas durante as visitas oficiais do candidato com os políticos de sua coligação, Maria Augusta se reunia com esposas de autoridades locais. Inspirado por Lima Barreto podemos imaginar que entre comentários acerca da moda, da vida íntima dos homens da sociedade, das queixas quanto às obrigações sociais que desempenhavam como esposas e filhas de líderes políticos, nessas reuniões estratégias políticas eram tramadas tais como a composição do ministério e o loteamento dos demais cargos nos inúmeros escalões da política nacional e estadual. Tal como Edgarda essas mulheres não deixariam de exercer o mesmo papel da ninfa, a de sugerir aos maridos e parentes o posto a ocupar nos cargos públicos, o que acreditavam ser seus por merecimento em função de vínculos afetivo-familiar com o candidato vencedor.

Em sua passagem por Salvador em janeiro de 1910 a comitiva de recepção a Rui, ainda na baía de todos os santos, foi recebida em primeiro lugar pelas filhas de Araujo Pinho (governador) e de José Marcelino (chefe do partido político da Bahia). Os jornais informam que as filhas dos políticos espalharam pétalas de flores no cais e emolduraram a chegada do candidato com sua beleza. Ficamos nos perguntando o que as mulheres conversavam nas reuniões, cafés e saraus que promoviam em prol de políticos ou enquanto seus maridos apresentavam suas ideias no cenário público. A melhor resposta encontrada até o momento é a que nos oferece Lima Barreto por meio do testemunho involuntário que é a literatura quando lida como um documento que nos deixa rastros sobre o tempo de sua produção. Em outras palavras, um cenário em que o reino da política no Brasil durante a Primeira República é de grande mobilidade, disputas e interesses urdidos de forma obscena, ou seja, no recinto dos lares e das *soirées* e em função da permanência dos bens patrimoniais e dos anseios de projeção pessoal de parte da sociedade brasileira. Um traço que marcaria profundamente a cultura política do país até a atualidade. Nesse jogo, as mulheres emergem não como meras coadjuvantes, mas como protagonistas dos rumos da história política em nosso país.

## Referências

BARBOSA, Francisco de Assis. A vida de Lima Barreto. 8. Ed. São Paulo: José Olympio, 2002.

BARRETO, Lima. Numa e a ninfa. São Paulo: Gráfica Editora Brasileira, 1950.

BORGES, Vera Lucia Bogéa. A batalha eleitoral de 1910. Rio de Janeiro: Apicuri, 2011.

HOLANDA, Sérgio Buarque. Raízes do Brasil. 26 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. São Paulo: Contexto, 20058.

PRIORE, Mary Del (org.). História das mulheres no Brasil. 3. Ed. São Paulo: Contexto, 2000.